

NOTA EDITORIAL

Rogério Roque Amaro

A crise impôs-se no nosso dia-a-dia e faz-se sentir em múltiplos aspectos para muitos cidadãos de muitos países.

A sua interpretação e as soluções que são propostas estão muito longe de ser criativas e inovadoras, antes parecendo versões requentadas de situações que, com algumas (não muitas) adaptações, já se viveram (e falharam, no essencial...) noutros países e continentes, desde os anos 80...

Razão mais do que suficiente para a Revista de Economia Solidária voltar, neste terceiro número, ao tema da Crise, na sua relação com a Economia Solidária. Procurando contribuir, a partir das grelhas de leitura que a Economia Solidária, como conceito e como práticas, proporciona, para reinterpretar sobre o (verdadeiro) sentido e conteúdo da crise e para novas propostas da sua ultrapassagem.

Há alguns mitos que esta crise tem suscitado, nas interpretações dominantes e amplamente presentes nos meios de comunicação social, e cuja «desmontagem» sugere novas hipóteses de leitura. Eis algumas que aqui se avançam:

- 1** A crise actual não é de eclosão recente (dizem muitos que teve início com a crise financeira de 2008 e explodiu com a crise da dívida soberana a partir de 2010), mas é muito mais profunda e estrutural, surgindo as suas primeiras manifestações em finais dos anos 60 do século passado (1968 pode ser, desse ponto de vista, considerado um símbolo porque assinala, simultaneamente, o protesto estudantil de Maio, em França, contra o modelo capitalista e a tentativa de construir uma «terceira via», na chamada «Primavera de Praga, em Outubro, em alternativa ao socialismo burocrático de inspiração e imposição soviética).
- 2** A crise não é (só) uma crise económico-financeira, mas claramente multidimensional, com expressões evidentes e fundamentais (sobretudo) aos níveis sociais, culturais, ambientais, territoriais, do conhecimento e, principalmente político (crise da democracia), pelo que, a par do défice orçamental, deveriam ser monitorizados e avaliados, entre outros, os défices sociais, culturais, do conhecimento e políticos, que ela está a provocar.
- 3** A crise não é uma soma de crises nacionais (de países e governos mal comportados), mas antes uma crise global, com incidências nacionais diversificadas, exigindo, conseqüentemente uma solução global e com respostas nacionais concertadas.
- 4** As respostas de inspiração neo-liberal (combinando «receitas» monetaristas e da «economia da oferta»), não são novas, tendo sido aplicadas, desde os anos 80 (no tempo do chamado «consenso de Washington») em vários países de todos os continentes, sem grande sucesso económico e com graves conseqüências sociais e políticas, pelo que agravam, mais do que resolvem, a situação que se está a viver.

Quanto a este último aspecto, em vários desses países, no passado, as respostas mais criativas vieram sobretudo da Economia Popular, da Economia Informal e da Economia Solidária, pelo que devíamos aprender com essas experiências, com as devidas adaptações.

Neste sentido, é importante ter em conta quatro dos grandes dilemas ou clivagens ou desafios que a crise actual vem evidenciando:

- a/** Estado ou mercado;
- b/** Neo-Keynesianismo (eventualmente com «roupagens» neo-institucionalistas) ou neo-liberalismo;
- c/** Democracia representativa ou meritocracia de cariz tecnocrática;
- d/** Base territorial global ou nacional.

É interessante como a Economia Solidária pode contribuir para sair destas dicotomias propondo:

- a/** Uma Economia de Reciprocidade (não mercantil);
- b/** Uma territorialização heterodoxa ou mesmo paradoxal;
- c/** Uma Democracia Participativa;
- d/** Uma valorização dos territórios locais.

Este terceiro número da Revista de Economia Solidária pretende situar-se nesta reflexão, procurando dar contributos para esclarecer as relações entre a crise actual e a Economia Solidária, quer quanto aos efeitos daquela nesta, quer no que se refere às respostas e soluções que é possível descortinar nos (novos) caminhos desta forma de Economia Alternativa.

Para tal, o coordenador deste número, Jean-Louis Laville, organizou um conjunto de quatro artigos centrais, que ele próprio apresenta na Nota de Introdução que se segue, em que, através de contribuições de Leopoldo Múnera Ruiz, José Luis Coaggio, Benoit Lévesque e Matthieu de Nanteuil, se destacam:

Os novos caminhos da Economia Solidária na América Latina e o seu reconhecimento político, sobretudo em países como a Argentina, o Brasil, a Venezuela, a Bolívia e o Equador, na sequência e na resposta à crise provocada pela aplicação de medidas de austeridade impostas pelo FMI nesses países (José Luís Coraggio);

Os riscos de domínio e de deturpação da Economia Solidária, nas relações com a economia de mercado, no caso da Colômbia (Leopoldo Múnera Ruiz);

O papel ausente da Economia Solidária no Canadá–Québec, em particular no sector da infância (Benoit Lévesque); A relação entre Economia Solidária e a crise do Estado Social, à luz das lógicas redistributivas e dos desafios da Democracia Participativa, na Europa (Matthieu de Nanteuil).

Para além deste núcleo, o número contém uma contribuição da mestre Ana Quintela, sobre a experiência das cooperativas italianas, a partir da sua dissertação de mestrado em Economia Social e Solidária (do ISCTE-IUL), sob a orientação do Prof. Jordi Estivill, membro do Conselho Científico da Revista.

Segue-se um texto de trabalho (não académico) da minha autoria sobre Indicadores de Sustentabilidade para a Economia Solidária, apresentado e discutido no âmbito do Projecto ECOS, que envolve os Açores, Cabo Verde, as Canárias e a Madeira, no quadro do Programa Comunitário MAC, com o objectivo principal de propor e aplicar Indicadores de Sustentabilidade às organizações de Economia Solidária dessas quatro regiões insulares.

A Revista apresenta ainda uma nota informativa de Jordi Estivill sobre a constituição do ramo europeu da Rede Internacional de Promoção da Economia Social e Solidária (RIPSS-Europa), que teve lugar, em Setembro de 2011, em Barcelona, e de que são membros fundadores, por parte de Portugal, a ANIMAR (enquanto rede nacional de associações de Desenvolvimento Local e Economia Solidária) e a CRESAÇOR (enquanto rede regional de Economia Solidária dos Açores), a qual foi eleita para a Direcção, seguindo-se o MANIFESTO que apresenta os objectivos desta nova Rede Europeia.

Finalmente, aliás na sequência dos contactos estabelecidos em Barcelona aquando da constituição da RIPSS-Europa, segue-se uma nota informativa sobre a Economia Solidária na Tunísia, da responsabilidade de Afef Tlili, uma das presenças tunisinas no acto fundador de Barcelona.



Clethra (Clethraceae)